

Sigmund Freud

*Organização de Michael Schröter com a colaboração
de Ingeborg Meyer-Palmedo e Ernst Falzeder*

Cartas aos filhos

Tradução de
Georg Otte e Blima Otte

Revisão técnica de
Betty Bernardo Fuks

1ª edição



Rio de Janeiro

2021

INTRODUÇÃO

Um pai escreve aos filhos. Escreve-lhes quando passam as férias em outros lugares, quando fazem algum tratamento fora, ou mesmo quando ele próprio viaja por motivos de saúde. Freud escreve aos filhos que estão no *front*; à filha que se casou no exterior; aos filhos que emigraram, por terem conseguido melhores condições de trabalho do que em seu país de origem. Escreve, após a morte de sua filha, ao genro viúvo, sobrecarregado com a educação dos dois filhos, seus netos. Escreve também a uma nora para agradecer pelas fotografias de família. Ele pede favores aos filhos, manda a seus netos cumprimentos de aniversário juntamente com agrados em dinheiro. Marca encontros, dá conselhos em situações de necessidade financeira e em caso de doença. Mantém os filhos a par das últimas notícias da família e quer que eles também o mantenham informado. O que há de notável em tudo isso? Por que deveríamos ler essas cartas? Será que elas deixam de ser triviais apenas por não terem sido escritas por uma pessoa qualquer, mas sim pelo fundador da psicanálise?¹

¹ Além das citações, referenciamos apenas as informações oriundas de fontes não publicadas. Fundamental: Jones I-III, MaF, F/AF; profícuo [“rendoso”]: F/MB, F/Reise, F/E, F/Fer, Götde, 2005, Molnar, 1996, Young-Bruehl, 1995; tagarela: Roazen, 1993; questionável: Weissweiler, 2006. Há numerosas referências nas notas da presente edição. – As cartas editadas são citadas integralmente com o respectivo número (por exemplo: “7-Math, “342-SophMax” etc).

CONTEXTO BIOGRÁFICO

Por volta de 1907, na época em que começou a escrever as cartas, apresentadas aqui pela primeira vez, Freud ultrapassara os 50 anos de idade. Ele estava casado havia mais de vinte anos com Martha, cujo sobrenome de solteira era Bernays.¹ O casamento representou a união entre um ambicioso filho de judeus orientais imigrados para Viena e uma filha da elite judaica de Hamburgo – proveniente, no entanto, de um ramo que adquiriu fama duvidosa devido à prisão do pai de Martha. Os anos difíceis do início da carreira e a crise pela qual a clínica de Freud, para doenças nervosas, passara na segunda metade do ano de 1890, — quando se especializou no moderno, escandaloso e caro método da psicanálise, — já haviam ficado para trás. Em setembro de 1891, ele passou a morar no apartamento do primeiro andar da Berggasse, 19, que manteve até a sua emigração, em 1938. Freud obtivera o título de catedrático e estava prestes a se tornar um corifeu de renome internacional, recebendo altos honorários de abastados pacientes particulares. Segundo as constatações de um observador,² a família cultivava “conscientemente um ambiente de alta burguesia”. A crescente prosperidade de Freud se manifestava, ainda, no fato de ele poder se dar ao luxo de tirar férias de verão de mais de dois meses de duração, o que era habitual na alta burguesia vienense da época, e de poder se instalar nas estâncias de férias de alto prestígio, sobretudo em Tirol do Sul, que até 1918 pertencia à Áustria. Além de cuidar do próprio repouso, Freud utilizava as férias para escrever. Mas também fazia viagens regulares de algumas semanas sem a família, que o levaram a Roma, à Sicília e a Atenas.

Freud precisava de muito dinheiro, pois tinha que sustentar diversas pessoas. Sua família compreendia, além dos seis filhos

¹ O casamento de Freud e Martha durou 53 anos: de 1896 até a morte do psicanalista, em 1939. (*N. da E.*)

² Wald., p. 29.

que nasceram entre 1887 e 1895 – Mathilde, Martin, Oliver, Ernst, Sophie e Anna –, a irmã de sua esposa, Minna Bernays, que desde 1896 passou a morar permanentemente na Berggasse e que, chamada de “tia”, desempenhava um papel quase tão importante quanto o da própria Martha. Além disso, uma cozinheira e uma criada faziam parte da vida doméstica e, enquanto os filhos eram pequenos, uma babá, isto é, uma governanta, que se encarregou de grande parte das lições das crianças até o ingresso delas no ginásio. E como se isso não bastasse, Freud tinha que ajudar financeiramente sua mãe, bem como Adolfine (Dolfi), sua irmã solteira que dela cuidava. Mais tarde, ainda teve que contribuir para o sustento das outras duas irmãs, Pauline (Pauli) e Rosa, que ficaram viúvas, respectivamente, em 1900 e em 1906.¹ No caso da mãe e das irmãs, seu irmão caçula, Alexander (chamado simplesmente de “tio” na família), um especialista bem-sucedido em logística, encarregava-se da metade das despesas.

Nesse meio-tempo, não apenas o consultório de Freud prosperou, houve também uma maior aceitação de sua teoria sobre o inconsciente e o significado central da sexualidade para a origem das neuroses para o desenvolvimento humano em geral; tudo isso passou a ter visibilidade crescente, seja na forma de aceitação, seja na de rejeição. Depois da publicação de *Estudos sobre a histeria* (1895, com Josef Breuer), Freud viveu um longo tempo de isolamento no meio científico, que somente foi amenizado pela estreita amizade com o médico berlinense Wilhelm Fliess. As obras que escreveu durante os dez anos que se seguiram, sobretudo *A interpretação dos sonhos* (1900), *Sobre a psicopatologia da vida cotidiana* (1901) e os *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905), todas elas obras fundamentais da psicanálise, tiveram em um primeiro momento

¹ Wald., p. 15; a partir de 1920, a irmã de Berlim, Maria (“Mitzi”) também ficou viúva (cf. 200-Ernst).

pouca ressonância junto ao público especializado. O grupo de discípulos que Freud reunia em torno de si em Viena, desde 1902, compreendia, no fim de 1905, não mais que uma dúzia de pessoas. A grande virada veio em 1905/1906, quando os psiquiatras da Cátedra e da Clínica de Eugen Bleuler de Zurique – ao lado do próprio chefe, destacava-se C. G. Jung – entraram em contato com ele e se declararam seus adeptos. A partir de Zurique, a psicanálise foi introduzida na discussão psiquiátrica da época. De lá advinham os alunos que difundiram o trabalho de Freud em outros países, tais como Alemanha, Hungria, Países Baixos, Inglaterra e Estados Unidos. Em associação com o grupo de Zurique, foi criada a primeira revista psicanalítica, realizado o primeiro congresso internacional e, por fim, em 1910, fundou-se a Associação Psicanalítica Internacional (Internationale Psychoanalytische Vereinigung – IPV),¹ que se organizou em grupos nacionais e locais.

Como se pode verificar nas cartas que se seguem, os filhos de Freud, ainda que em diferentes graus, acompanhavam sua vida profissional e a ascensão do movimento por ele fundado. Conheciam pelo menos alguns de seus pacientes, e Mathilde chegara até a fantasiar que poderia se casar com algum deles. Os filhos de Freud conheceram os discípulos de Zurique, que ficavam hospedados em sua casa e, além disso, liam os populares trabalhos de seu pai. Aos 17 anos, Mathilde estava a par das particularidades dos “métodos de cura do papai”. Martin, quando novo, tentou compartilhar da fama do pai, apresentando-se com as palavras: “Martin Freud, o filho mais velho de Sigmund Freud.” No entanto, todos os três filhos homens escolheram cursos universitários muito distantes do campo de trabalho do pai: Martin formou-se em direito; Oliver, em engenharia; e Ernst, em arquitetura. Martha Freud, já idosa, se

¹ Em 1933, a sigla alemã seria abandonada. A IPV se tornaria então a Associação Internacional de Psicanálise (IPA). (N. da E.)

lembra: “Por expressa vontade do pai, nenhum dos filhos seguiu seus passos, já a filha (Anna) ele não conseguiu impedir.”¹ Anna foi a única das filhas que teve uma formação profissional e que exerceu uma profissão (primeiramente como professora de escola básica). Para suas duas irmãs mais velhas, o casamento foi o objetivo de vida, que ambas alcançaram, respectivamente, em 1909 e 1913, com 22 e 20 anos. Seus respectivos maridos eram homens de negócios, judeus: um deles comerciante em Viena e o outro, fotógrafo em Hamburgo.

Nesse curso ascendente e progressivo, irrompeu a Primeira Guerra Mundial. O trabalho científico de Freud quase estagnou, e as revistas psicanalíticas só sobreviveram porque o consultório de Freud, durante os primeiros anos da guerra, retrocedeu tanto que ele teve tempo de sobra para escrever e preencher as folhas com seus próprios textos. Evidentemente, seus filhos (bem como seu genro Max Halberstadt, o marido de Sophie) se alistaram nas Forças Armadas. Martin empenhou-se ativamente e sem necessidade no próprio alistamento, e apenas ele lutou no *front* a maior parte da guerra. Os outros dois filhos, mais cedo ou mais tarde, escaparam desse destino. Todos sobreviveram ilesos, mas, passados dois anos, a família ainda teve que pagar um tributo à guerra, no início de 1920, quando Sophie, provavelmente enfraquecida pelas más condições de abastecimento da época, não sobreviveu à gripe. Ela deixou dois filhos nas idades de um e de seis anos incompletos.

Após a guerra, o movimento psicanalítico voltou logo ao seu ritmo. Em 1920, foi realizado um congresso internacional em Haia e, em 1922, outro em Berlim. Freud dirigia dos bastidores os negócios da IPV com a ajuda de um “comité” formado por seus discípulos mais próximos. Graças a patrocínios da Hungria (Anton von Freund)

¹ 4-Math (Mathilde até chegara a fantasiar); Gödde, 2005, p. 274 (“métodos de cura do papai”); Wald., p. 17 (Martin); Martha Freud/E. Reiss, 17/1/1950 SFP/LoC).

e da Alemanha (Max Eitingon), ele pôde fundar e administrar sua própria editora de psicanálise. Em Berlim surgiu uma policlínica psicanalítica, que se tornou o embrião do primeiro instituto baseado na Escola de Freud. O próprio Freud escapou do pior do pós-guerra, pois continuou atendendo pacientes estrangeiros: ingleses, suíços e americanos, e no início também alemães, que lhe pagavam em divisas. No curso da propagação internacional da psicanálise, que se deu com vigor depois da Primeira Guerra Mundial, ele transferiu a ênfase da análise terapêutica para a análise didática no seu consultório. Os trabalhos que escreveu nos primeiros anos após a guerra trouxeram mais uma vez uma modificação e ampliação teóricas profundas, acima de tudo através da nova concepção das instâncias psíquicas: “isso”, “eu” e “supereu”, culminando, em 1923, no texto “O eu e o isso”.

Para seus filhos, o fim da guerra coincidiu com o ingresso na vida profissional, que se tornou muito difícil devido à crise econômica na Áustria e na Alemanha daquela época. Martin, que se tornara doutor em Direito, foi trabalhar em um banco; Oliver tinha dificuldades para encontrar um trabalho adequado como engenheiro, enquanto Ernst conseguiu se instalar como arquiteto com relativa rapidez. Todos os três se casaram até a primavera de 1923 – Martin em Viena, Ernst e Oliver em Berlim, para onde se mudaram, já que a situação econômica da cidade não parecia estar tão sem perspectivas quanto a de Viena. Freud estava contente em saber que haviam “casado fora da Áustria”.¹ Suas esposas eram ou de famílias judias muito abastadas (Martin e Ernst) ou então bem renomadas (Oliver); eles não tardaram em presentear os pais com netos. Tudo indica que dois desses casamentos foram felizes; enquanto Martin se desentendia mais e mais com a esposa. No caso de Ernst, é evidente que ele devia o seu sucesso profissional, em grande medida, às relações do pai, à rede

¹ F/Alex, 28/7/1923.

internacional da Psicanálise. Assim como também o genro Max se aproveitava, na qualidade de fotógrafo oficial de Sigmund Freud, da fama cada vez maior do sogro.

Enquanto a escola freudiana avançava nos anos 1920 como lugar de ciência, de formação e de práxis analítica, o ano de 1923 trouxe para Freud, outra cesura dolorosa: como fumante passional de charutos, desenvolvera um carcinoma que demandou a remoção parcial do palato, dos maxilares superiores e inferiores e a implantação de uma prótese. Desde então, Freud sofria com severas restrições para comer, beber, ouvir e falar. Sua vida era constantemente dominada pelo esforço de melhorar o mau funcionamento da prótese. Para essa finalidade, viajou quatro vezes a Berlim, entre 1928 e 1930, afim de consultar com um especialista. A série infindável de operações subsequentes foi igualmente grave, especialmente quando, em 1931, surgiu a primeira recidiva [pré-câncer]. Ele teve que reduzir seus atendimentos clínicos a aproximadamente dois terços do volume anterior (de 5 a 6 horas em vez de 8 a 9 horas de análise). Sua produção autoral também regrediu e sua temática se deslocou para questões filosóficas e culturais (“O mal-estar na cultura”, 1930).

Apesar dessas restrições, Freud se manteve tão rico, que, entre 1924 e 1937, alugava uma mansão confortável nas proximidades de Viena para as férias de verão (isto é, por 3 a 6 meses). Por motivos de saúde, teve que abrir mão de viagens mais longas. Durante a crise econômica no início dos anos 1930, ele teve condições de dar suporte financeiro aos filhos Martin e Oliver e, ainda, aos seus dois genros que passavam necessidade. No início de 1932, fez depósitos consideráveis para salvar a Editora Psicanalítica da falência – também com a intenção de evitar o desemprego do filho mais velho, pois Martin se tornara diretor da editora em 1932. Assim, depois de Anna, que desde 1922 passou por uma ascensão da carreira como psicanalista e como uma das líderes da IPV, Martin foi o filho que mais aproveitou da Psicanálise. O caso de Martin, que não possuía nenhuma qualificação como editor, deixa

especialmente nítido que Freud considerava a obra de sua vida, quanto mais recursos financeiros ela exigia, como uma espécie de empresa familiar.

A catástrofe generalizada que representava a chegada ao poder dos nacional-socialistas em 1933 na Alemanha e em 1938 na Áustria também teve consequências irremediáveis para a Psicanálise, para o próprio Freud e para sua família. Os centros mais importantes de transmissão da psicanálise, em Berlim e em Viena, foram reduzidos à insignificância ou deixaram de existir após a emigração de seus membros de origem judaica. Já em 1933, os dois filhos que moravam em Berlim, Oliver e Ernst, se mudaram, respectivamente, para a França e a Inglaterra. Depois do “Anschluss”, da anexação da Áustria à Alemanha nazista, Freud mesmo emigrou com a esposa, a nora e os outros filhos para Londres. Suas quatro irmãs ficaram em Viena e morreram nos campos de concentração nazistas. Logo após o início da Segunda Guerra Mundial, em 1939, realizou-se o desejo do velho Freud, marcado pelo câncer: “Morrer em liberdade.”

AS CARTAS DE FREUD AOS SEUS FILHOS

A correspondência de Freud com seus cinco filhos mais velhos – de Mathilde a Sophie –, reunida neste volume, inicia-se, essencialmente, entre os anos de 1907 e 1918 (no caso de Oliver, por motivos particulares, somente em 1924). Os filhos tinham entre 19 e 26 anos nesse momento – ou seja, não eram ainda adultos plenos, mas também não eram mais crianças. Todos estavam prestes a deixar a casa dos pais ou tinham acabado de deixá-la. No caso das filhas, esse passo estava imediatamente ligado ao casamento, e os filhos também constituíram, logo depois, seu próprio lar. A maior parte das cartas seguintes é dirigida a adultos (com exceção das saudações aos netos), que vivem sua própria vida.

São essas condições gerais que conferem às cartas aqui apresentadas um caráter relativamente homogêneo, por mais que a

correspondência contínua com os três filhos que se mudaram para Hamburgo ou Berlim seja diferente dos comunicados esporádicos aos dois que permaneceram em Viena. Ao mesmo tempo, esses comunicados e as cartas que Freud escrevia aos seus filhos mais velhos (e aos cônjuges deles) se destacam daqueles enviados à sua filha mais nova. Anna não se casou, nunca deixou a casa dos pais; as cartas a ela se iniciam quando não tinha ainda 15 anos de idade. Além disso, no caso dela, conservaram as suas respostas; o que somente ocorreu com algumas exceções nas cartas dos seus irmãos. E, finalmente, os planos familiar e científico-profissional se misturam nas cartas de Anna, uma vez que, após uma fase de transição, ela passou a atuar no campo de trabalho do pai. Por isso, há boas razões objetivas pelas quais a correspondência entre Sigmund Freud e Anna Freud tenha sido publicada separadamente. A particularidade das cinco séries de cartas desse volume consiste no fato de apresentarem Freud como o pai de filhos adultos, de forma pura, por assim dizer, sem as interferências dos destinatários e sem a mistura com assuntos profissionais.

Ressaltamos alguns aspectos que essas cartas partilham na perspectiva apontada,¹ uma vez que fornecemos informações sobre cada um dos filhos, sobre sua vida e profissão, seus parceiros, suas particularidades e sobre a relação de Freud com eles em esboços próprios que precedem cada série de cartas.

Faz parte do contexto familiar, em que se inserem esses conjuntos de cartas, o fato de que as respostas dos filhos se perderam, bem como também sua correspondência com a mãe (e com a tia). Pois Freud também lia as cartas dirigidas a Martha e estava informado sobre os comunicados. Assim, quando, por exemplo, reclama do longo silêncio dos filhos, utiliza a 1ª pessoa do plural e, em alguns casos, responde as

¹ Resumimos reflexões que são mais bem explicitadas e fundamentadas em um trabalho anterior (Schröter, 2008).

cartas destinadas à mãe. A manutenção das relações familiares com os filhos ausentes era, portanto, uma tarefa de ambos os pais. Podemos até deduzir que, no caso de Ernst e Lucie, em que muitas cartas de Martha foram conservadas,¹ esta escrevia com mais frequência e de forma mais extensa do que o marido. Diante da postura patriarcal de Freud, isso não surpreende; assim, Lucie também era a verdadeira correspondente em sua família. O que surpreende mesmo é saber o quanto Freud se dedicava à comunicação com os filhos. Podemos ver que para ele era uma necessidade manter viva e presente a rede das ligações familiares. “Enquanto isso, torcemos juntos”, escreve a seu genro de Hamburgo um ano antes da catástrofe nazista.² Evidencia-se que, para ele, a família, ao lado da profissão e da ciência, era o valor supremo. Na correspondência com seus filhos se manifesta uma cultura judaica (ou, talvez, burguesa?) das relações, que serviu inclusive de modelo para a propagação da Psicanálise.

No caso de outras correspondências, porém, os elementos da comunicação familiar – a troca de novidades na família, a reiteração dos afetos e tudo mais – costumam manter um caráter privado e pouco interessante, para não dizer trivial, para os não envolvidos. Os familiares de Freud não formam nenhuma exceção. Por esse motivo, as respostas dos filhos, mesmo nos poucos casos em que se conservaram, são reproduzidas nessa edição apenas na forma de exemplos e extratos informativos e característicos, sendo as cartas de Martha (e Minna) deixadas de lado. Somente uma pessoa com o perfil acentuadamente centralizador como o de Freud é capaz de conferir constantemente aos comunicados do dia a dia uma marca expressiva que atrai também a atenção de terceiros, sem falar do interesse que nutrimos por sua capacidade intelectual em todas as suas manifestações vitais. A qualidade própria do estilo de Freud faz parte da resposta à pergunta

¹ Elas se encontram distribuídas em UE e FML; outro conjunto análogo de cartas de Sophie e Max se encontra nas mãos de Peter Rosenthal.

² 504-Max.

colocada inicialmente, a saber, por que valeria a pena ler as cartas reunidas nesse volume.

Há uma série de assuntos que se repetem nas cartas como *leitmotiv*, por exemplo, a marcação de encontros, os pedidos de favores, o anúncio de presentes ou o agradecimento por eles. Todos são, ao lado da comunicação no sentido estrito, [meios da coesão – *Bindemittel*] familiar. Mas, além disso, se destacam duas áreas em que Freud se manifesta com regularidade e ênfase, e que podem ser consideradas como seu domínio paternal: uma delas diz respeito às questões de saúde – não há como decidir se Freud se via, nesse aspecto da vida, mais como patriarca ou como médico. Quando, por exemplo, em 1920, achava que Ernst, recém-casado na época, deveria combater sua infecção pulmonar por meio de um tratamento de muitos meses na Suíça, Freud recorreu a toda a sua autoridade para convencer o filho, ao qual não restou alternativa a não ser obedecer.

A outra área de competência paternal era o dinheiro. O que chama a atenção é o fato de que Freud não se furtava de apoiar financeiramente seus filhos, mesmo quando adultos e autônomos. Um colega de escola de Martin, Hans Lampl, que frequentava a família desde 1901, observou que Freud “possuía um senso de família muito forte, quero dizer, judaico. Não se deixa a família na mão, deve-se cuidar dela, inclusive financeiramente”. Mais uma vez fica difícil decidir se trata-se de uma postura especificamente judaica ou burguesa; o próprio Freud descobriu em si “aquela sensação [de saber] de que os filhos não estão carecendo de nada, da qual um pai judeu precisa muito, seja para viver, seja para morrer.”¹ De qualquer forma, é a partir desse desejo que ajudava seus filhos e genros nos tempos de aperto financeiro ou quando as despesas com tratamento de saúde superavam as condições econômicas. Com muita delicadeza, cria-

¹ Lampl-Int., p. II/4; F/Fer I/2, p. 236.

va modos de expressão para amenizar os aspectos possivelmente vergonhosos de sua ajuda. Mas, talvez, ele também tentasse manter seus filhos – ou alguns deles, sobretudo Martin – dependentes, por meio de sua grande generosidade. No seu último testamento, no entanto, considerou apenas sua esposa; os direitos autorais de sua obra, deixou para os netos.

Principalmente no contato com os filhos (e com os genros), as questões financeiras desempenhavam um papel importante, o que corresponde à cultura patriarcal de Freud, que considerava a profissão e o ganhar dinheiro como domínio dos homens, enquanto cabia às mulheres o papel de esposa, mãe e dona de casa. Inspirado por essa postura, há um tema nas cartas endereçadas aos filhos que diz respeito, predominantemente, às filhas: a escolha do parceiro e o casamento. Enquanto deixara aos filhos a procura pela esposa adequada; no caso das filhas, insistia bastante na seleção de parceiros que tivessem o seu consentimento. Os pretendentes deveriam estar em condições de alimentar a família, não deveriam sofrer de doenças hereditárias e deveriam ser judeus.¹ Ao mesmo tempo, ele rejeitava a tradição judaica (ou burguesa) dos casamentos combinados e defendia a norma mais moderna, segunda a qual as moças também se casariam de forma autônoma e seguindo suas preferências afetivas. Foi com um tato notável que manteve o equilíbrio entre o sentimento patriarcal de responsabilidade e o respeito pelos direitos das filhas.

Martin escreveu um livro de memórias sobre seu pai. Nele, ressalta que Freud, embora mostrasse um interesse profundo pelos filhos, não estava à disposição no dia a dia, com exceção das férias. Hans Lampl relata: “Ele exalava uma seriedade mística, que era impenetrável”; “não era capaz de brincar com os filhos, como os outros pais”. Mas o outro lado da medalha, conforme os relatos de Martin,

¹ Nas cartas que se seguem, essa condição não aparece.

era que existia um princípio declarado na casa da família Freud: em situações de emergência, os filhos podiam recorrer ao “papai”, contando com o direito absoluto à sua atenção e ajuda: “quando precisávamos mesmo, ele descia do seu Olimpo para nos salvar”, na palavra e na ação. Como mostram as cartas aqui presentes, esse modelo de convivência doméstica teve sua continuidade também no contato do pai com seus filhos adultos. A postura de Freud não apenas se evidencia nos momentos de emergência material, mas também nos de crises psicológicas, em que Freud, com dedicação total, procurava ajudar algum de seus filhos – como, por exemplo, Sophie, que se atormentava com o fato de ter engravidado sem querer pela terceira vez, ou seu marido Max, que desenvolvera uma “neurose de guerra” *no front*. As “cartas da crise”, das quais existem diversas, destacam-se no meio da comunicação cotidiana e representam o ponto culminante do presente volume. Elas testemunham de forma particularmente impressionante o esforço constante de Freud por dar apoio a seus filhos, erguê-los em caso de necessidade e ancorá-los na solidariedade da família.¹

A postura ética da sinceridade fazia parte da seriedade que Freud irradiava. Estava ligada ao ideal da falta de ilusões, que defendia tanto em relação a seus filhos quanto em relação à teoria psicanalítica e à sua própria prática de vida, diante do envelhecimento e da doença, por exemplo. Imbuído desse posicionamento, ele exigia sinceridade de seus filhos, já que lhes falava francamente. Segundo Martin, Freud tinha um modo de olhar nos olhos das pessoas que impossibilitava qualquer tentativa de dizer-lhe alguma inverdade. O princípio da franqueza, entretanto, não tinha nada de atormentador no seu caso, mas era expressão do respeito pelos seus filhos. Por mais que o pai os intimidasse, sabiam que ele não exigia nenhum tipo de submissão, mas os aceitava incondicionalmente. Embora lhes dissesse sua opi-

¹ Lampl-Int., p. I/14s. (sobre a “seriedade mística”); MaF, p. 46 (“descia do seu Olimpo”); 409-Soph (grávida sem querer); 374-Max.

nião com muita clareza, ele também aceitava as razões dos filhos para não acatá-la. Quando Mathilde cogitava que um ou outro paciente de Freud pudesse ser seu pretendente, ele lhe explicava o princípio da “transferência”, que desvalorizaria a priori o interesse dos jovens rapazes. E quando ela, pouco depois, encontrou seu futuro marido, Freud comunicou-lhe suas ressalvas que depunham contra o escolhido, mas sem questionar o direito à autonomia da moça e sem desencorajá-la. Em agosto de 1914, ele se esforçou em deter seu filho, temendo o alistamento voluntário; quando Martin não se deixou deter, Freud aprovou expressamente sua decisão.¹

A mesma postura de franqueza marcava a atenção que Freud dispensava às questões corporais, da saúde e ainda da sexualidade. Questões sexuais são tematizadas, talvez contra as expectativas, sobretudo em relação às filhas, quando, por exemplo, se refere à menstruação ou quando discute com Sophie a necessidade e as possibilidades da contracepção. Com frequência notável, encontramos – no pano de fundo biográfico das cartas – abortos que nem sempre tinham indicações médicas. Por outro lado, Freud rejeitava, pelo menos para si mesmo, a educação sexual empreendida pelos pais; por isso, encaminhava seus filhos a um amigo, que era médico. Em momento algum, até onde se tem notícia, ele adotou uma atitude moralista. O fato de Martin ser um notório mulherengo, apenas o levou a fazer a pergunta preocupada, como ele conseguiria se virar na Inglaterra, onde não teria a mesma liberdade. E quando conta que o jovem Ernst contraiu gonorreia, suas palavras possuem um tom benevolente.²

Resumindo: as cartas aos filhos testemunham o profundo e sólido humanismo do seu autor, que as transforma, por si só, em um docu-

¹ 7-Math, 166-Ernst, Freud, 1927c, F/E, pp. 446s., 614 (sobre a falta de ilusões); 4-Math (sobre a “transferência”); 15-Math (ressalvas); cf., pp. [133-138 no original] [REMISSÃO >>>>>] (alistamento voluntário).

² 4-Math (sobre a menstruação); 409-Soph (sobre a contracepção); cf. pp. <106-108??> (sobre educação sexual); 322-Ernst (pergunta preocupada); cf. p. REMISSÃO (sobre gonorreia).

mento precioso. Além disso, a publicação delas faz surgir a questão de em que medida a Psicanálise enquanto teoria e, mais ainda, enquanto prática terapêutica surgiu exatamente desse humanismo: a mesma sinceridade, a mesma franqueza nas questões financeiras, assim como nas sexuais, a mesma seriedade e a mesma tolerância com tudo o que é humano, que Freud mostrava diante dos seus filhos, também eram traços fundamentais do seu pensamento científico e do seu ofício. Não há outra fonte que nos chame a atenção para essa ligação tão enfática entre a pessoa e a obra do que as manifestações como pai aqui publicadas.